Martin Amis

A Zona de Interesse

Tradução de José Vieira de Lima

QUETZAL serpente emplumada | Martin Amis

Giremos em redor do caldeirão;
E lancemos lá para dentro as entranhas venenosas:
Sapo que, sob a pedra fria,
Trinta e um dias e noites,
A dormir suou veneno,
Ferva primeiro no pote encantado...

Filete da cobra que nas frestas vive,
No caldeirão ferva e asse:
Olho de salamandra e dedo de rã,
Lanugem de morcego e língua de cão,
Língua de víbora e ferrão de escorpião,
Perna de lagarto e asa de coruja...

Escama de dragão, dente de lobo,
Múmia de bruxa, bucho e goela
De voraz tubarão do mar distante,
Raiz de cicuta cavada no escuro,
Fígado de judeu blasfemo,
Fel de bode e ramos de teixo
Cortados em fatias no eclipse da Lua,
Nariz de turco e lábios de tártaro,
Dedo de bebé estrangulado à nascença

E deixado na vala por uma puta,
Faz o caldo forte e grosso...

Esfria o caldo com o sangue de um babuíno;
Assim o feitiço será bom e firme.

A tal ponto
Estou atolado no sangue que, esteja onde estiver,
Tão imprudente será recuar como seguir em frente.

Macbeth

Tradução de José Vieira de Lima

Capítulo I
A Zona de Interesse

1. THOMSEN: APARECIMENTO

Eu não desconhecia o clarão do relâmpago; não desconhecia o raio. Tendo uma invejável experiência em tais matérias, não desconhecia o temporal — o temporal e, depois, o sol e o arco-íris.

Ela voltava da Cidade Velha com as duas filhas e já se encontravam em plena Zona de Interesse. No alto, aguardando por elas, estendia-se uma álea — quase uma colunata — de bordos cujos ramos e folhas lobadas se entrelaçavam por sobre as nossas cabeças. Um fim de tarde em meados de verão, com mosquitos que tremeluziam aqui e ali... O meu bloco de notas estava aberto em cima do tronco de uma árvore e a brisa, curiosa, inquisitiva, agitava as páginas.

Alta, larga, cheia e, no entanto, ligeira no andar, com um vestido branco pregueado que lhe dava pelos tornozelos e um chapéu de palha creme com uma fita preta, um saco de palha balouçando-lhe da mão (as miúdas, também de branco, tinham chapéus de palha e sacos de palha), ela serpeava por entre bolsas de um calor ondulante, fulvo, leonino. Ria-se — a cabeça para trás, o pescoço retesado. Caminhando paralelamente a ela, eu mantinha-me por perto, com o meu fato feito por medida, casaco

de tweed, calças de sarja, com o meu bloco de notas, a minha caneta de tinta permanente.

Agora, as três atravessavam o caminho da Academia Equestre. Rodeada pelas filhas, que teimavam em meter-se com ela, passou pelo moinho de vento ornamental, o mastro dos festejos do 1.º de Maio, o cadafalso de três rodas, a carroça frouxamente atada à bomba de água de ferro, e logo seguiu em frente.

Ia para o Kat Zet[1] — para o Kat Zet I.

Alguma coisa aconteceu à primeira vista. Relâmpago, trovão, temporal, sol, arco-íris — a meteorologia da primeira vista.

Ela chamava-se Hannah — Sr.ª Hannah Doll.

No Clube dos Oficiais, sentado num sofá de crina de cavalo, rodeado por ornatos de arreios de cavalos e gravuras de cavalos, bebendo chávenas de um sucedâneo do café (café para cavalos), disse para Boris Eltz, o meu amigo de sempre:

— Por um momento, fui de novo jovem. Era como... amor.

— Amor?

— Eu disse *como* amor. Não fiques tão impressionado. *Como* amor. Uma sensação de inevitabilidade. Sabes como é. Como o nascer de um longo e maravilhoso romance. Amor romântico.

— Déjà-vu e toda a história do costume? Continua. Aviva a minha memória.

— Bom. Uma admiração que doía. Doía, sim. E sentimentos de humildade e de desmerecimento. Como tu e Esther.

— Isso é completamente diferente — disse ele, esticando um dedo na horizontal. — É uma coisa puramente paternal. Compreenderás quando a vires.

---

[1] Ou KZ; abreviatura de «Konzentrationslager», campo de concentração. *(N. do T.)*

— Adiante. Depois, aquele sentimento passou e eu... E eu, sem mais nem menos, comecei a pensar como é que ela seria sem toda aquela roupa vestida.

— Pois aí tens! Eu nunca me pergunto como é que a Esther seria, despida de toda a sua roupa. Se isso acontecesse, ficaria horrorizado. Tapava os olhos.

— E tapavas os olhos, Boris, se a mulher em causa fosse Hannah Doll?

— Hum... Quem havia de dizer que o Velho Beberrão arranjaria uma mulher tão boa?

— Eu sei. É incrível.

— O Velho *Beberrão*. Mas pensa um pouco. Tenho a certeza de que ele sempre foi um beberrão. Mas nem sempre foi velho.

— Que idade têm as miúdas? — disse eu. — Doze? Treze? Portanto, ela é da nossa idade. Ou um pouco mais nova.

— E o Velho Beberrão deixou-a prenha quando ela tinha... dezoito anos?

— Quando *ele* tinha a nossa idade.

— Está bem. Casar-se com ele foi um ato desculpável, suponho — disse Boris. Encolheu os ombros. — Dezoito anos. Mas é ou não verdade que ela não o deixou? Disso é que já não te ris, pois não?

— Pois não. É difícil...

— Hum... Ela é demasiado alta para mim. E, pensando bem, também é demasiado alta para o Velho Beberrão.

E perguntámos um ao outro uma vez mais: «Porque é que alguém traria a mulher e os filhos para aqui? Sim, para aqui?»

— É um ambiente mais adequado a homens — disse eu.

— Oh, não sei. Há mulheres que não se importam. Há mulheres que são iguais aos homens. A tua tia Gerda, por exemplo. Ela adoraria isto.

— A tia Gerda era capaz de concordar em princípio — disse eu. — Mas não ia gostar disto aqui.

— E achas que Hannah gosta disto aqui?

— Não tem ar de quem possa gostar disto aqui.

— Pois não. Mas não te esqueças de que ela é a esposa fiel de Paul Doll.

— Hum... Então talvez se desse bem com isto — disse eu. — Espero bem que sim. O meu aspeto físico funciona melhor com mulheres que gostam disto aqui.

— ... *Nós* não gostamos disto aqui.

— Pois não. Mas temo-nos um ao outro, graças a Deus. Isso conta alguma coisa.

— É verdade, caríssimo. Tu tens-me a mim e eu tenho-te a ti.

Boris, o meu amigo íntimo permanente — enfático, intrépido, bem-parecido, como um pequeno César. Creche, infância, adolescência, e, depois, mais tarde, as nossas férias ciclistas em França, Inglaterra, Escócia, Irlanda, a nossa viagem de três meses de Munique até Reggio e depois até à Sicília. Só na idade adulta é que a nossa amizade passou realmente por dificuldades, quando a política — quando a História — entrou nas nossas vidas. Ele disse: — Tu... tu terás partido pelo Natal. Eu vou estar aqui até junho. Porque é que não estou no Leste? — Bebeu um pouco de café, fez uma careta e acendeu um cigarro. — A propósito, irmão, as tuas hipóteses são nulas. *Onde*, por exemplo? Ela é demasiado conhecida. E tu tens de ter cuidado. O Velho Beberrão pode ser o Velho Beberrão, mas também é o comandante.

— Hum... Ainda assim. Já houve coisas mais estranhas.

— Já houve coisas *muito* mais estranhas.

Sim. Porque era uma época em que toda a gente sentia o embuste, o sarcástico despudor e a assombrosa hipocrisia de todas as proibições.

— Tenho uma espécie de plano.

Boris suspirou com ar ausente.

— Antes de mais, preciso de ter notícias do tio Martin. Depois, farei a minha primeira jogada. Peão da rainha avança duas casas.

Passado um instante, Boris disse: — Acho que o peão corre perigo.

— Talvez. Mas não faz mal nenhum tentar.

*

Boris Eltz despediu-se: esperavam-no na rampa. Um mês de trabalho na ziguezagueante rampa era o seu castigo — mais um numa interminável série — por se ter envolvido noutra cena de pugilato. A rampa — a saída do comboio, a seleção e, depois, a viagem pelo bosque de bétulas até ao Pequeno Abrigo Castanho, no Kat Zet II.

— A coisa mais sinistra é a seleção — disse Boris. — Devias vir um dia. Só pela experiência.

Almocei sozinho na messe dos oficiais (meia galinha, pêssegos, leite-creme. Nada de vinho) e fui para o meu gabinete na Buna-Werke. Houve uma reunião de duas horas com Burckl e Seedig, basicamente sobre os lentos progressos nos centros de produção de carboneto; mas também se tornou claro que eu estava a perder a minha batalha a favor da recolocação da nossa força de trabalho.

Pelo crepúsculo, peguei em mim e fui até ao cubículo de Ilse Grese, no Kat Zet I.

Ilse Grese adorava isto aqui.

Bati na porta metálica, que oscilava suavemente, e entrei.

Como adolescente que ainda era (fazia 20 anos daí a um mês), Ilse estava sentada no catre, inclinada, as pernas cruzadas, lendo uma revista ilustrada; não se deu ao trabalho de erguer os olhos das páginas. O uniforme dela estava pendurado no prego da trave metálica, sob a qual eu me baixava agora; Ilse vestia uma bata de trazer por casa, fibrosa, azul-escura, e umas meias cinzentas bem largas. Sem se virar, disse:

— Ah! Cheira-me a islandês. Cheira-me a imbecil.

O comportamento habitual de Ilse comigo, e talvez com todos os seus amigos homens, caracterizava-se por uma languidez desdenhosa. O meu comportamento habitual com ela, e com todas as mulheres, pelo menos no princípio, era exuberantemente pedante. (Desenvolvera este estilo para contrariar a minha

aparência, que algumas, por algum tempo, achavam ameaçadora.) No chão, estavam a cartucheira e o chicote de cabedal de Ilse, este último enroscado como uma magra serpente adormecida.

Tirei os sapatos. Sentei-me, encostei-me confortavelmente à curva das costas dela, e pendurei-lhe por cima do ombro um amuleto com ar de importado, num fio dourado.

— É o imbecil do islandês. O que é que ele quer?

— Hum... Ilse, o estado em que está o teu quarto. Tens sempre um aspeto impecável quando vais trabalhar... é um mérito que não te posso negar. Mas, na esfera privada... E tu, que és tão exigente com os outros no que respeita à ordem e à limpeza.

— O que é que o imbecil deseja?

Eu disse: — O que é que é desejado? — E prossegui, com pausas pensativas entre as frases. — O que é desejado é que tu, Ilse, vás até aos meus aposentos por volta das dez. Aí, vou oferecer-te brandy e chocolate e prendas dispendiosas. Escutarei a narração dos teus mais recentes altos e baixos. A minha generosa simpatia depressa restaurará o teu sentido das proporções. Porque o sentido das proporções, Ilse, é, como se sabe, aquilo que, muito ocasionalmente, te falta. Pelo menos é o que o Boris me diz.

— ... O Boris já não me ama.

— Ainda no outro dia não te poupava elogios. Se quiseres, falarei com ele. Virás, espero, às dez. Depois da conversa e das tuas prendas, haverá um interlúdio sentimental. É isso que é desejado.

Ilse continuou a ler — um artigo que defendia fortemente, e sem dúvida furiosamente — que as mulheres nunca deveriam rapar ou depilar as pernas ou os sovacos.

Levantei-me. Ela ergueu os olhos. A boca larga e invulgarmente ondulante e pregueada, as órbitas de uma mulher três vezes mais velha, a abundância e a energia do cabelo louro-sujo.

— És um imbecil.

— Aparece às dez. Está bem?

— Talvez — disse ela, virando a página. — Ou talvez não.

*

Na Cidade Velha as condições de alojamento eram tão primitivas que o pessoal da Buna fora obrigado a construir uma espécie de aldeia-dormitório nos subúrbios rurais a leste da cidade (tinha uma escola primária e uma escola secundária, uma clínica, várias lojas, um café, uma taberna, bem como montes de donas de casa impacientes). No entanto, depressa encontrei um apartamento francamente recomendável, mobilado de forma espalhafatosa, numa rua íngreme à saída da praça do mercado. Era o n.º 9 da Rua Dzilka.

Havia um inconveniente grave: eu tinha ratos no apartamento. Depois do desalojamento compulsivo dos seus donos, a propriedade fora ocupada por operários da construção durante quase um ano e a infestação tornara-se crónica. Embora as pequenas criaturas conseguissem manter-se invisíveis, eu ouvia-as constantemente, muito atarefadas nas tocas e nas canalizações, a correr de um lado para o outro, guinchando, comendo, acasalando...

Na sua segunda visita, a minha mulher a dias, a jovem Agnes, deixou-me um possante felino macho, preto com debruns brancos, de seu nome Max, ou Maksik (que se pronunciava «Maksitch»). Max era um lendário caçador de ratos. Eu precisava apenas, disse Agnes, de uma visita quinzenal de Max; ele não diria que não a um pires de leite uma vez por outra, mas não havia necessidade de lhe dar nada de sólido.

Ao fim de pouco tempo, aprendi a respeitar aquele predador tão destro quanto discreto. Maksik tinha um ar de smoking — fato cor de carvão, peitilho branco perfeitamente triangular, polainas brancas. Quando se baixava e esticava as pernas da frente, as patas abriam-se num bonito leque, como margaridas. E sempre que Agnes pegava nele e o levava consigo, Max — depois de um fim de semana comigo — deixava atrás de si um silêncio garantido.

Num tal silêncio, arranjei — ou melhor, acartei — um banho quente (chaleira, panelas, baldes), pois queria que Ilse Grese encontrasse um homem particularmente asseado e bem-parecido.

Pus em cima de uma mesa o conhaque e os doces dela, mais quatro pares selados de robustas meias-calças (pois ela abominava meias), e aguardei, apreciando o velho castelo ducal, tão preto como Max contra o céu do entardecer.

Ilse foi pontual. Tudo o que disse, e disse-o com um vago escárnio e uma profunda languidez, logo que a porta se fechou atrás dela, tudo o que ela disse foi: — Rápido.

Tanto quanto me era possível determinar, a mulher do comandante, Hannah Doll, levava as filhas à escola e ia buscá-las, mas, tirando isso, raramente saía de casa.

Não compareceu em nenhum dos dois *chás dançantes* experimentais; não compareceu na festa dada por Fritz Mobius no Departamento Político; e não compareceu na gala de apresentação de um filme, a comédia romântica *Duas Pessoas Felizes*.

Em cada uma dessas ocasiões Paul não podia deixar de estar presente. A expressão dele era sempre a mesma: a de um homem que heroicamente controlava o seu orgulho ferido... Tinha um jeito de espetar os lábios numa espécie de tubo, como se tencionasse assobiar — até que (ou pelo menos era o que parecia), vencido por um qualquer escrúpulo burguês, redesenhava a boca num bico.

— A Hannah não vem, Paul? — perguntou Mobius.

Aproximei-me mais deles.

— Está indisposta — disse Doll. — Você sabe, aquela altura do mês...

— Oh, pobre Hannah...

Em contrapartida, eu *consegui* vê-la muito bem — e durante vários minutos —, através da sebe, quase nua no extremo do campo de jogos (ia a passar, parei e fingi consultar o meu bloco de notas). Hannah estava no relvado, supervisionando um piquenique para as suas duas filhas e uma das suas amigas — de certeza que era a filha dos Seedig. Ainda estava a tirar os comes

e bebes do cesto de vime. Não se sentava com as raparigas na manta vermelha, mas, uma vez por outra, agachava-se para depois se reerguer com uma vigorosa rotação de ancas.

Se não no vestuário, então, sem dúvida, na silhueta (excluindo o rosto), Hannah Doll cumpria o ideal nacional da jovem feminilidade, imperturbável, rústica e com o físico certo para a procriação e o trabalho duro. Graças à minha aparência, beneficiara de um amplo conhecimento carnal deste tipo de mulher. Levantara de um só golpe muitas saias de camponesas — três camadas de saias e saiotes —, libertara muitas coxas de calções de pele, atirara por cima do ombro muitos tamancos.

Eu? Eu tinha um metro e noventa. O meu cabelo era de um branco de geada. A inclinação flamenga do nariz, o franzimento desdenhoso da boca, a formosa pugnacidade do queixo; as articulações retas dos maxilares pareciam ter sido cravadas no rosto sob as minúsculas espirais das orelhas. Tinha ombros rasos e largos, peito rijo e liso como uma laje, cintura estreita; o pénis, de apreciáveis proporções quando ereto, classicamente compacto quando em repouso (com um pronunciado prepúcio), as coxas tão sólidas como mastros falquejados, as rótulas quadradas, as barrigas das pernas de Miguel Ângelo, os pés quase tão flexíveis e belos como as grandes lâminas tentaculares das mãos. Para coroar a panóplia destas proveitosas e oportunas atrações, os meus olhos árticos eram de um azul-cobalto.

Eu precisava apenas de uma palavra do tio Martin, uma ordem específica do tio Martin na capital — e agiria de imediato.

— Boa-tarde.

— Sim?

Nos degraus da moradia cor de laranja dei por mim diante de uma perturbante e insignificante personagem, toda ela vestida com grossa lã tricotada (colete e saia) e com brilhantes fivelas prateadas nos sapatos.

— O dono da casa está? — perguntei. Sabia perfeitamente que Doll não estava em casa. Encontrava-se na rampa com os médicos e com Boris e muitos outros, para receber o Comboio Especial 105 (e esperava-se que este comboio trouxesse complicações). — Sabe, é que eu tenho uma mensagem de alta prio...

— Humilia? — disse uma voz — O que é, Humilia?

Uma corrente de ar vinda dos fundos da casa e ali estava ela, Hannah Doll, de novo vestida de branco, reverberando na sombra. Humilia tossicou polidamente e retirou-se.

— Lamento imenso incomodá-la, minha senhora — disse eu. — Chamo-me Golo Thomsen. É um prazer conhecê-la.

Dedo após dedo, puxei energicamente a luva de camurça e estendi a mão, que ela cumprimentou. Disse:

— Golo?

— Sim. Bom, foi a minha primeira tentativa para dizer Angelus. Um desastre, como vê. Mas o nome ficou. Os nossos erros perseguem-nos toda a vida, não acha?

— ... Que posso fazer por si, senhor Thomsen?

— Senhora Doll, eu tenho algumas notícias particularmente urgentes para o comandante.

— Oh?

— Não quero ser melodramático, mas a chancelaria tomou uma decisão quanto a um assunto que é da máxima importância para o seu marido.

Ela continuou a olhar para mim num jeito de notória avaliação.

— Vi-o uma vez — disse ela. — Lembro-me, porque você não tinha uniforme. Nunca usa uniforme? O que é que faz exatamente?

— Sou oficial de ligação — respondi-lhe, com uma ligeira vénia.

— Se é importante, então suponho que será melhor esperar. Não faço a menor ideia de onde ele está. — Encolheu os ombros. — Posso oferecer-lhe uma limonada?

— Não... Não lhe daria esse incómodo.

— Não é incómodo nenhum para mim. Humilia?

Estávamos agora de pé na luz rósea do salão, a Sr.ª Doll de costas para a lareira, o Sr. Thomsen plantado diante da janela central, o olhar fixo nas torres de vigia da zona e na miscelânea da Cidade Velha, a meia distância.

— Encantador. Sim, é de facto um encanto. Diga-me — acrescentei com um sorriso pesaroso. — É capaz de guardar um segredo?

O olhar dela fixou-se em mim. Vista de perto, era mais meridional, mais latina, no que tocava à cor; e os olhos eram de um castanho-escuro que de patriótico nada tinha, como caramelo húmido, com um brilho viscoso. Disse:

— Bom... Sim, sou *capaz* de guardar um segredo. Quando quero.

— Oh, ainda bem. A questão é... — disse-lhe, e era uma mentira tremenda — ... a questão é que sinto um grande interesse por interiores, por mobiliário e decoração. Já percebeu porque é que eu não gostaria que isso se soubesse. Não são coisas de homens, pois não?

— Não, suponho que não...

— Diga-me então... As superfícies de mármore? Foi uma ideia sua?

A minha esperança era conseguir distraí-la e também levá-la a mover-se. Agora, Hannah Doll falava, gesticulava, andava de janela em janela; e, assim, eu tinha oportunidade de assimilar o todo. Sim, a sua constituição física era sem dúvida estupenda: um amplo empreendimento de coordenação estética. E a cabeça, os lábios cheios, o vigor dos dentes e dos maxilares, o dúctil remate das faces — a cabeça era quadrada, sim, mas formosa, com os ossos recurvando-se para cima e para fora. Disse-lhe:

— E o alpendre coberto?

— Ou o cobria ou...

Humilia entrou com o tabuleiro e o jarro de barro e dois pratos cheios de bolos e biscoitos.

— Obrigada, minha querida.

Quando ficámos de novo sós, perguntei num tom brando:

— A sua criada, senhora Doll. Não será por acaso uma Testemunha?

Hannah conteve-se até que uma qualquer vibração doméstica, indetetável por mim, a libertou; respondeu, não propriamente num murmúrio: — Sim, é. Eu não os compreendo. Tem um rosto religioso. Não acha?

— Sim, sem sombra de dúvida. — O rosto de Humilia era notoriamente indeterminado, indeterminado quanto ao sexo e indeterminado quanto à idade (uma mistura nada harmoniosa de fêmea e macho, de jovem e velho); no entanto, sob a sólida cabeleira que fazia lembrar um molho de agriões, ela reluzia de uma terrível autossuficiência. — Foram os óculos sem aros que me chamaram a atenção.

— Que idade lhe dá?

— Não sei... Trinta e cinco?

— Cinquenta. Acho que parece ter muito menos idade porque pensa que nunca morrerá.

— Hum... Bom, isso seria muito animador.

— E é tudo tão simples. — A Sr.ª Doll curvou-se e serviu, após o que nos sentámos, Hannah no sofá, eu numa rústica cadeira de madeira. — Bastava que assinasse um documento. Ficaria livre.

— Hum... Bastaria que *abjurasse*, como eles dizem.

— Sim, mas... sabe... Humilia não poderia ser mais dedicada às minhas filhas. E acontece que ela tem um filho. Um rapaz de doze anos. Que está entregue aos cuidados do Estado. E bastar-lhe-ia assinar um papel para o ir buscar. E ela não faz isso. Não faz, nem fará.

— Estranho, não é? Disseram-me que um dos princípios deles é precisamente que *gostem* de sofrer. — E lembrei-me de uma

descrição de Boris de uma Testemunha atada ao poste das chicotadas; mas não iria dar a Hannah esse prazer: o modo como a Testemunha suplicava por mais. — É algo de gratificante para a fé deles.

— Imagine só.

— Eles adoram sofrer.

As sete horas já estavam perto e a luz rósea da sala esbateu-se de súbito e assim ficou... Eu tinha tido muitos e notáveis êxitos nesta fase do dia, muitos e assombrosos êxitos, quando a penumbra, ainda sem a oposição da lâmpada ou da lanterna, parece conferir uma licenciosidade impalpável — rumores de possibilidades tão estranhas como um sonho. O meu gesto seria assim tão mal recebido — a sério — se, serenamente, me juntasse a ela no sofá, e, depois de alguns cumprimentos murmurados, lhe pegasse na mão e (consoante a coisa corresse) roçasse suavemente os meus lábios pela base do seu pescoço? Seria?

— O meu marido — disse ela, e ficou imóvel como que à escuta.

As palavras ficaram a pairar no ar e, por um momento, recordei-me de algo que me deixou num sobressalto: o facto ainda mais desconcertante de que o marido dela era o comandante. Mas consegui manter um ar sério e respeitável. Ela disse:

— O meu marido acha que temos muito a aprender com eles.

— Com as Testemunhas? O quê?

— Oh, você sabe... — disse ela num tom neutro, quase sonolento. — A força da crença. Uma crença inquebrantável.

— As virtudes do sectarismo.

— São virtudes que todos nós devemos ter, não é verdade?

Recostei-me e acrescentei: — Sim, percebe-se porque é que o seu marido admira o fanatismo deles. Mas... e quanto ao pacifismo?

— Não. Obviamente. — No mesmo tom entorpecido, prosseguiu: — Humilia recusa-se a limpar o uniforme dele. E a engraxar-lhe as botas. Ele não gosta disso.

— Não. Aposto que não.

Neste ponto, eu estava a registar quão profundamente a evocação do comandante baixara o tom daquele encontro tão promissor e, sem dúvida, razoavelmente encantador. Por isso, num gesto suave, bati as palmas e disse: — O seu jardim, senhora Doll. Podemos? Parece-me que tenho de lhe fazer outra confissão vergonhosa. Eu adoro flores.

Era um espaço dividido em duas partes: à direita, um salgueiro, que em parte tapava os pequenos anexos e a pequena rede de caminhos e áleas onde, sem dúvida, as filhas adoravam brincar e esconder-se; à esquerda, os opulentos canteiros, o relvado aparado, a cerca branca — e, mais adiante, o Edifício do Monopólio no seu monte arenoso, e, para lá dele, as primeiras manchas róseas do lusco-fusco.

— Um paraíso. Que magníficas tulipas...

— São papoilas — disse ela.

— Papoilas, claro. E aquelas ali, o que são?

Ao fim de alguns minutos de conversa sobre flores, a Sr.ª Doll, que ainda não tinha sorrido na minha companhia, soltou um riso de agradável surpresa e comentou:

— Mas não sabe *nada* de flores, pois não? Nem sequer... Não sabe nada de flores.

— Não, sei *mesmo* alguma coisa de flores — retorqui, talvez com perigosa ousadia. — E é algo que muitos homens não sabem. Porque é que as mulheres gostam tanto de flores?

— Diga, diga.

— Muito bem. As flores fazem com que as mulheres se sintam belas. Quando ofereço a uma mulher um bouquet deslumbrante, sei que ela se sentirá bela.

— ... Quem lhe disse isso?

— A minha mãe. Deus tenha a sua alma em descanso.

— Pois bem, a sua mãe tinha razão. Uma mulher sente-se como uma estrela de cinema, dias a fio...

Estonteado, disse-lhe: — E o mérito é de ambas. Das flores e das mulheres.

E Hannah perguntou-me: — *Você* é capaz de guardar um segredo?

— Mas absolutamente...

— Venha.

Havia, acreditava eu, um mundo oculto que se desenrolava paralelamente ao mundo que conhecíamos; um mundo que existia *in potentia*; para podermos entrar nele, tínhamos de atravessar o véu ou a película do convencional e *agir*. Com um passo apressado, Hannah Doll conduziu-me pelo caminho coberto de cinza até à estufa, e mantinha-se a mesma luz, e seria assim tão estranho — a sério — se eu a apressasse a entrar, talvez com um ligeiro impulso, e, no meio da confusão, me colasse a ela e agarrasse com as minhas mãos caídas as dobras brancas do seu vestido? Seria? Aqui? Neste mundo em que tudo era permitido?

Ela abriu a porta meio envidraçada e, sem entrar, curvou-se e remexeu num vaso de flores numa prateleira baixa... Para dizer a verdade, no meu comércio amoroso não tivera um só pensamento decente na cabeça havia sete ou oito anos (antes, era um tanto ou quanto romântico. Mas deixei-me disso). E, enquanto observava o corpo de Hannah inclinado para a frente, com o rabo espetado e uma perna poderosa esticada para cima e para trás para melhor se equilibrar, disse para mim mesmo: «Esta seria uma *grande* foda.» Uma *grande* foda: foi isso que disse para mim mesmo.

Então, endireitando-se, ela virou-se para mim e abriu a palma da mão. Revelando o quê? Um maço amarrotado de Davidoff: um maço de cinco. Restavam três.

— Quer um?

— Eu não fumo cigarros — respondi e extraí dos bolsos um dispendioso isqueiro e uma lata de charutos suíços. Abeirando-me mais dela, acendi o isqueiro e, protegendo a chama da brisa com a mão, deixei que ela se elevasse...

Este pequeno ritual possuía um profundo significado sociossexual — porque vivíamos numa terra, ela e eu, em que aquilo equivalia a um ato de conluio ilícito. Em bares e restaurantes, em hotéis, estações de comboios, etc., víamos cartazes dizendo «As mulheres devem abster-se de fumar»; e, nas ruas, homens de um certo tipo — muitos deles fumadores — tinham por missão repreender as mulheres que infringiam tal norma e tirar-lhes o cigarro dos dedos ou mesmo dos lábios. Hannah disse:

— Eu sei que não devia fumar.

— Não lhes dê ouvidos, senhora Doll. Ouça o que diz o nosso poeta[1]. *Abster-te-ás, abster-te-ás. Aí está a eterna canção.*

— Eu acho que ajuda um pouco — disse ela. — Por causa do cheiro.

Ela tinha a última palavra ainda na língua quando ouvimos qualquer coisa, algo trazido pelo vento... Era um acorde trémulo, desamparado, uma harmonia de fuga com aflição e horror humano. Ficámos muito quietos, os olhos arregalados. Sentia o meu corpo a retesar-se para enfrentar mais e mais fortes choques. Mas, depois, veio um silêncio estridente, como um mosquito zumbindo no ouvido, seguido de, meio minuto passado, uma eclosão de violinos hesitantemente errática.

A capacidade de falar parecia ter desaparecido. Continuámos a fumar, com inalações silenciosas.

Hannah pôs as duas beatas numa embalagem vazia de sementes que, depois, enterrou no caixote do lixo sem tampa.

— Qual é o teu doce favorito?

— Hum... Creme de sêmola — respondi.

— De sêmola? É *horrível*. Então e bolo de fruta, claras e creme?

— Também é bom.

— O que é que preferias ser? Cego ou surdo?

---

[1] Goethe. *(N. do T.)*

— Cego, Paulette — disse-lhe.

— Cego? Cego é *muito* pior. Surdo!

— Cego, Sybil — disse eu. — Toda a gente tem pena dos cegos. Mas toda a gente *odeia* os surdos.

Parecia-me que me tinha saído muito bem com as miúdas, por duas razões — por lhes ter oferecido vários saquinhos de doces franceses e, mais importante, por ter dissimulado a minha surpresa quando me disseram que eram gémeas. Não sendo idênticas, Sybil e Paulette eram apenas um par de irmãs nascidas ao mesmo tempo; mas nem sequer pareciam parentes distantes, pois Sybil saía à mãe, ao passo que Paulette, vários centímetros mais baixa, cumpria, impotente, a penosa promessa do seu nome de batismo.

— Mamã — disse Paulette — que barulho horrível foi aquele?

— Oh, eram só umas pessoas numa brincadeira qualquer. A fingirem que era a noite das bruxas e a tentarem assustar-se umas às outras.

— Mamã — disse Sybil —, porque é que o papá sabe sempre se eu lavei os dentes?

— O quê?

— Ele sabe sempre. Eu pergunto-lhe como é que isso é possível e ele diz: *O papá sabe tudo*. Mas como é que ele sabe?

— Oh, o papá está só a entrar contigo... Humilia, hoje é sexta-feira, mas vamos dar-lhes banho.

— Oh, mamã... Não podemos passar dez minutos com Bohdan e Torquil e Dov?

— Cinco minutos. Digam boa-noite ao senhor Thomsen.

Bohdan era o jardineiro polaco (velho, alto e, claro, muito magro), Torquil era a tartaruga de estimação e Dov, ao que parecia, era o adolescente que ajudava Bohdan. Sob os ramos pendentes do salgueiro, as gémeas agachadas, Bohdan, uma outra ajudante (uma rapariga da terra chamada Bronislawa), Dov e a minúscula Humilia, a Testemunha...

Enquanto observávamos as gémeas, Hannah disse: — Bohdan era professor de zoologia. Em Cracóvia. Imagine só. Sempre viveu em Cracóvia. E agora está aqui.

— Hum... Senhora Doll, com que frequência vai à Cidade Velha?

— Oh... Quase todos os dias de semana. Por vezes é Humilia que vai, mas normalmente sou eu quem as leva à escola e as vai buscar.

— O meu apartamento na Cidade Velha... Estou a tentar melhorá-lo, mas as minhas ideias esgotaram-se... Talvez seja apenas uma questão de cortinados. Pensei que talvez pudesse ir até lá um dia destes e ver o que é que acha.

Perfil contra perfil. Agora, face a face.

Ela cruzou os braços e disse: — E como é que imagina que iríamos combinar isso?

— Não há muito para combinar, pois não? O seu marido nunca saberia. — Fui assim tão longe porque a minha hora com Hannah me convencera inteiramente de que uma mulher como ela não poderia sentir afeição, nenhuma mesmo, por um homem como ele. — Dar-me-ia o prazer de considerar tal proposta?

Ela fitou-me o tempo suficiente para ver que o meu sorriso começava a congelar.

— Não. Senhor Thomsen, essa é uma sugestão muito imprudente... E o senhor não compreende. Mesmo que pense que sim. — Recuou. — Se ainda quiser ficar à espera, por favor entre para aquela sala. Vá. Sente-se. Pode ler o *Observer* de quarta-feira.

— Obrigado. Obrigado pela sua hospitalidade, Hannah.

— Não foi nada de especial, senhor Thomsen.

— Espero vê-la de domingo a oito dias, senhora Doll. O comandante teve a amabilidade de me convidar.

Ela cruzou os braços e disse: — Nesse caso, julgo que o verei. Adeus.

— Adeus.